

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

O QUE QUERO VER

5 e 23 de dezembro de 2022

LA MORT EN DIRECT / 1979

(*A Morte em Directo*)

um filme de Bertrand Tavernier

Realização: Bertrand Tavernier / **Argumento:** David Rayfiel, Bertrand Tavernier, baseado na novela "The Continuous Katherine Mortenhoe" de David Compton / **Fotografia:** Pierre-William Glenn / **Câmara:** Jean-Claude Vicquery / **Montagem:** Armand Psenny, Michael Ellis / **Production Designer:** Tony Pratt / **Direcção Artística:** Bern Lepel / **Música:** Antoine Duhamel / **Direcção Musical:** Harry Rabinovitz / **Interpretação:** Romy Schneider (Katherine Mortenhoe), Harvey Keitel (Roddy), Harry Dean Stanton (Vincent Ferriman), Max Von Sydow (Gerald Mortenhoe), Thérèse Liotard (Tracey), Caroline Langrishe (Rapariga), William Russel (Dr. Mason), Vadim Glowna (Harry Graves), Eva Maria Meineke (Dr. Klausen), Bernard Wicki (o pai de Katherine).

Produção: Seita Film, Little Bear, Sara Film, Gaumont, Antenne 2 (Paris), TV 15 (Munique) / **Produtor Executivo:** Jean-Serge Breton / **Co-produtor:** Bertrand Tavernier / **Cópia:** DCP, colorida, legendada eletronicamente em português, 130 minutos / **Estreia em Portugal:** Cinemas City Cine e Star, em 20 de Março de 1980.

Não desgosto deste filme de Bertrand Tavernier. Não desgosto mesmo nada. Poderá parecer pretensão minha (Quem sou eu para estar a julgar em duas palavras os filmes que aos outros custaram tanto a fazer?), mas acreditem que a intenção é bem mais modesta do que isso, envolvendo muito da simpatia de quem se sente agradado e (até) agradecido com o que acabam de lhe oferecer. Foi assim que fiquei depois de ver **Deathwatch**.

Deathwatch ou **La Mort en Direct**? Começo por esclarecer a questão do título e língua do filme. Tavernier, ao adaptar o livro de David Compton, sentiu que aquilo só podia funcionar num contexto anglo-saxónico. Tanto pela relação com a morte, como pelo papel da televisão, como até pela própria questão da língua. Filmou-o por isso em inglês ("A língua inglesa é menos cartesiana e tem mais possibilidades de desembocar no fantástico. É uma língua menos explicativa", afirmou Tavernier). Ora, tanto para captar o público francês, como até pelo facto da produção do filme ser franco-germânica, o próprio Tavernier se encarregou da versão francesa ("Tive de recorrer a perifrases, a um maior número de palavras", garante o realizador), aquela que veremos hoje. Para nós portugueses, felizmente (cá tenho as minhas razões) desabituaados de versões dobradas dos filmes, não deixa de haver uma certa fricção entre o contexto anglo-saxónico e a expressão francesa dos personagens (com Romy Schneider ainda a coisa passa, mas com Keitel, Stanton ou mesmo Sydow há "qualquer coisa" que não pega). Seja como for, a versão que vamos ver é de Tavernier, controlada e desejada pelo próprio cineasta.

Há quem sustente que o primeiro plano de um filme é decisivo e só por ele se pode desde logo saber o que nos está reservado. No caso de **La Mort en Direct** é a sequência inicial que detém o segredo. Descrevo: montagem rápida de planos de um cemitério, onde uma menina brinca, com um plano de grua a encerrar, descobrindo ao fundo, para lá do cemitério, os prédios de uma cidade moderna. Num filme que pretende ser uma homenagem a Jacques Tourneur, esse é, porventura, o plano que está mais próximo da atmosfera do autor de **I Walked with a Zombie**, conjugando exemplarmente o verbo "morrer" com a necessidade de indiciar logo na abertura os segredos que a narrativa posterior nos há-de revelar. Além disso, parece-me um plano particularmente significativo dos propósitos de Tavernier neste filme: o de um apurado controle do espaço. O que não é nenhuma novidade no cineasta.

La Mort en Direct confirma, além do mais, as obsessões do seu autor. Por um lado, toda a narrativa se articula à volta do par formado por acaso e, também, a partir de um não escondido antagonismo. Por outro lado, é um filme que trabalha preferencialmente o espaço, tanto ao nível da narrativa (os personagens efectuam uma travessia), como ao nível da forma (sublinhado talvez de modo exagerado nos planos sequências da feira e da igreja, onde um certo "fetichismo" da câmara ultrapassa as necessidades de expressão de Tavernier).

Sem estar a virar o bico ao prego, é altura de abordar os limites – é de propósito que não digo deméritos – de **La Mort en Direct**. A ideia que funda o argumento parece-me magnífica (uma vez mais os "fans" da literatura de "fc" acharam tratar-se de um "assassinato cinematográfico") e com potencialidades incríveis no campo cinematográfico. Retratar uma sociedade que, prolongando e ampliando os problemas postos hoje pelos "media" audiovisuais, procura ver com a maior excitação (sensível nos índices de audiência) a reportagem da morte em directo de uma mulher. Os temas são do mais moderno que há (o problema da morte), sem falar da "grandiosa" metáfora do próprio cinema (e da posição do espectador) que, à evidência, o filme encena.

Curiosamente, Tavernier, apostado na definição perfeita da estrutura típica das suas obras, acaba por não desenvolver a visão do futuro correspondente – necessária a uma maior credibilidade da situação – e por se alhear um pouco (excepção feita à cena do espelho na primeira aparição de Romy Schneider e à insistência com que o olho-câmara de Keitel é iluminado) dos "media" em causa, que nunca ganham a espessura de um personagem (como o era o computador de **2001** e de **War Games**). Assim, o que poderia ser um tremendo espectáculo de lobotomização das massas, apenas surge implícito, ganhando **La Mort en Direct** contornos de um simples melodrama.

Numa entrevista à revista "Positif", Bertrand Tavernier adianta que, em boa verdade, sentiu não poder ir mais longe: "Tinha previsto que Harvey, em certas alturas, cortasse o som com o seu relógio. Havia uma relação som-imagem. Também isso não funcionava. Curiosamente, quanto mais tentávamos ser verosímeis, mais a coisa ia dando para o estilo James Bond. Optámos nessa altura por insistir nos sentimentos, em detrimento dos acessórios".

A opinião de Tavernier é, por certo, avisada, mas ainda assim, insisto no meu ponto: até para fazer honra ao título do romance de Compton ("The Continuous Katherine Mortenhoe"), era preciso dar continuidade à imagem (dentro da imagem) da personagem principal. Só assim, a tese subjacente ao filme poderia ser comprovada. Ou seja, a tese segundo a qual as imagens captadas por Keitel, mesmo se contínuas, não nos dão a "pessoa" filmada (e não o sabemos porque Tavernier não as mostra suficientemente).

Fica o melodrama e fica a interpretação (devo dizer premonitória) de Romy Schneider, fica a belíssima elipse da morte de Katherine (outra homenagem a Tourneur que, em matéria de elipses, foi mestre), fica um apurado controle do espaço (pese embora algum excesso de "poderes" da câmara), fica um sentido amor pelos actores. Eu não desgosto.

M. S. Fonseca